

# COSMOPOLITISMO MUSICAL NA CIDADE DA HORTA NO FINAL DO SÉCULO XIX

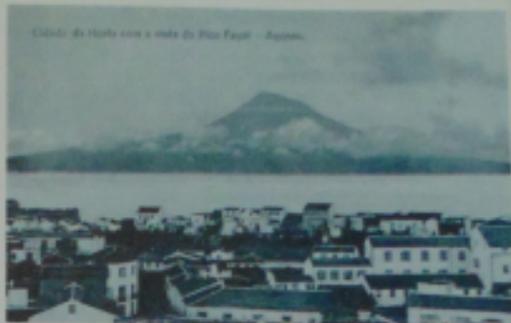
LIÍS C. F. HENRIQUES | TEXTO

**COM UMA MAIOR INCIDÊNCIA** a partir da segunda metade do século XIX, a ilha do Faial e mais concretamente a cidade da Horta tornaram-se num ponto de confluência dos mais diversos meios culturais. Vários factores contribuíram para esta confluência cultural à terceira cidade insular em termos de importância, situada na periferia do reino português.

**A HISTÓRIA DA CIDADE DA HORTA** reflecte um crescente grau de cosmopolitismo, construído ao longo dos séculos. Isto acontece já aquando do seu povoamento, em finais do século XV, com a chegada de flamengos, assim como de gentes provenientes do Norte e do Sul do continente português. A baía onde é implantada a cidade, desde o primeiro povoamento, oferece características excepcionais como porto de abrigo. Este facto será preponderante na história desta cidade aberta ao mar. Será, pois, a exploração do mar como meio de comunicação, um dos factores dos quais advierão os proxeitos a nível económico, social e, consequentemente, a nível cultural<sup>1</sup>.

**NO SÉCULO XIX** irá existir um crescente fluxo de navios a demandar o porto da Horta, nomeadamente navios a vapor. Com a construção do porto artificial em 1876, apesar da abertura da boca de Ponta Delgada, acentua-se cada vez mais este fluxo marítimo. Este facto potencia o estabelecimento na Horta de empresas de apoio a esses mesmos navios, fornecendo-lhes carvão, viveres, reparação de avarias, entre outros serviços<sup>2</sup>.

**A PRIMEIRA EMPRESA** a radicar-se na Horta para esse serviço é a do *consul-geral dos Estados Unidos da América nos Açores*, John Bass Dahney. Esta empresa atingirá o seu apogeu com o seu filho Charles William Dahney<sup>3</sup>. A família Dahney será, até à sua retirada do arquipélago em 1892, determinante a nível cultural na Horta do século XIX. Esta família de origem americana pertencente a uma classe burguesa endinheirada irá promover os mais diversos eventos sociais, nos quais a música estará destacadamente representada. A elite burguesa da cidade fará também parte integrante deste círculo social<sup>4</sup>.



Cidade da Horta com a vista do Pico da Formosa — Açores.  
Biblioteca municipal construída no século do século XIX. Edição desactualizada.

**ENTRE OS NAVIOS** que demandam o porto da Horta encontram-se grandes navios de passageiros, assim como navios de guerra das potências mundiais. Estes últimos incluem os maiores navios de linha das respectivas marinhas de guerra de países como os Estados Unidos da América, Reino Unido, Alemanha, França, Itália, entre outros. Com estas esquadras geralmente vinha uma banda de música ou outro agrupamento musical que, a pedido das autoridades locais, apresentavam-se em concertos na cidade ou em recepções dadas pela elite local aos oficiais dos navios<sup>5</sup>. Esta interação irá ser importante para a criação, assim como para o desenvolvimento, das bandas filarmónicas locais, que se começa a fazer sentir de forma mais sistemática a partir da década de setenta do século XIX.

**OS SARAUS MUSICO-LITERÁRIOS** eram eventos sociais característicos da burguesia local. Nesses, os membros das famílias mais proeminentes tinham a oportunidade de exibirem a sua habilidade, tanto musical, como também literária. Os programas misturavam música e poesia. O programa musical acompanhava-se de pequenas peças para piano ou para voz e piano, ou outro instrumento, como o violino ou a flauta. Estas compreendiam valsa, fantasias, ronzans, ou árias avulsas retiradas das óperas mais conhecidas de compositores como Giuseppe Verdi, Gaetano Donizetti ou Vincenzo Bellini. Compositores amadores locais também aparecem representados nestes programas, escrevendo peças de carácter mais ligeiro, como polkas ou mazurkas, sobretudo para piano. A poesia, regra geral, era da autoria de escritores locais versando a temática da insularidade como também da saudade<sup>6</sup>. Estes poetas chegam a ganhar alguma popularidade na ilha do Faial, ilhas vizinhas, e até mesmo a nível regional. Estas reuniões culturais realçavam-se em amplas salas, geralmente em edifícios públicos (como é o caso do palacete do Governo Civil), ou em casas da burguesia mais abastada como é disso exemplo o Palacete de Santana, pertença de Rodrigo Alves Guerra, segundo barão de Santana<sup>7</sup>.

**AS SOCIEDADES E CLUBES** também têm um papel importante na prática musical na Horta do final do século XIX. Estas também promovem saraus e bailes onde se reúne a burguesia da cidade<sup>8</sup>. Sociedades como o Ginásio Clube, Sociedade Amor da Pátria,



hido alguma educação musical, provavelmente por via eclesástica. Teixeira vem a abrir a sua casa e oficina não só de importação e manutenção de pianos como também de outros instrumentos, nomeadamente de órgãos de tubos. Para além de artefice, também é músico sendo fundador da orquestra que ostentará o seu nome, fundada em parceria com Henrique de Sousa Furtado, onde, para além de director, também é primeiro violino.

**MERECES ESPECIAL DESTAQUE** a existência na cidade da Horta, nos finais do século XIX, de duas oficinas de organaria. A primeira oficina pertenceu a João de Deus Teixeira (1852-1904) e a segunda a Manuel de Serpa da Silva (1848-1928). Estes não são propriamente construtores de órgãos de tubos, apesar de serem frequentemente tidos como tal<sup>43</sup>. Estes mestres marceneiros, como frequentemente eram designados, encomendam órgãos, produzidos em série, nos Estados Unidos da América, França ou Reino Unido, montando-os mais tarde nas igrejas a que se destinam<sup>44</sup>. Durante o processo de montagem dos instrumentos por vezes introduziam melhoramentos por eles desenvolvidos, como é o caso dos foles e do método de inserção de ar nos mesmos.

**O MARCEIRO E ORGANEIRO** (títulos pelos quais é tratado) Manuel de Serpa da Silva nasceu na cidade da Horta em 1848. Na década de oitenta emigra para os Estados Unidos da América primeiramente para trabalhar como marceneiro na então florescente e lucrativa indústria baleeira. Nos Estados Unidos parece ter adquirido e aperfeiçoado os conhecimentos que já possuía, regressando à ilha do Faial no final da década de oitenta. Abre oficina nesta cidade, iniciando a importação de uma série de órgãos de tubos da Costa Leste americana. Estes órgãos são uma inovação em termos técnicos pois são instrumentos "modernos", não possuindo quaisquer semelhanças aos instrumentos já existentes, de características ibéricas<sup>45</sup>.

**OS SEUS ÓRGÃOS** encontram-se distribuídos pelas ilhas de S. Miguel, Terceira, S. Jorge, Faial e Flores. Para além de montar os instrumentos, a oficina de Serpa da Silva também reparava e mantinha tanto os instrumentos encomendados, como também os outros instrumentos "históricos" já existentes. Note-se a peculiaridade de serem, na sua maioria, provenientes das casas Machado e Cerveira e Fontanes. Este, por assim dizer, "serviço de manutenção" levava Serpa da Silva a frequentes viagens para todas as ilhas do arquipélago onde, por vezes, se demorava alguns meses nas reparações e manutenção dos órgãos assim como também em concertos de harmónios, instrumento bastante popular nas ilhas durante este período<sup>46</sup>. A oficina de Manuel de Serpa da Silva, para além da comercialização de órgãos de tubos e harmónios, também se dedicava à manutenção de pianos e à construção e comercialização de instrumentos de cordas. Antes de se especializar na organaria, Serpa da Silva já construía bandolões, violas da terra, guitarras e cavaquinhos. Especial destaque tem o rabeção (contrabaixo de cordas) que fez para a orquestra "4 de Novembro", na qual tocava violino. Aquando da sua morte, em 1928, há referência à existência na sua oficina de um piano de meia cauda em estado avançado de construção<sup>47</sup>.

**NA HORTA**, para além da oficina de Manuel de Serpa da Silva, também se dedica à importação e montagem de órgãos de tubos a casa do já mencionado João de Deus Teixeira. O volume de negócio de Teixeira é bem mais modesto que o de Serpa da Silva, ficando-se pela montagem de quatro instrumentos, distribuídos pelas ilhas do Faial e Pico. Como Serpa da Silva, também João de Deus Teixeira, através da sua casa, repara estes instrumentos, deslocando-se com frequência à ilha do Pico. Estes órgãos têm um papel central na prática de música religiosa.

**A MÚSICA SACRA**, pela ligação à igreja católica, tem bastante importância no contexto da prática musical no Faial. Na cidade da Horta todas as igrejas (Conceição, Carmo, São Francisco, Matriz e Augustinas) possuem uma capela de música, algumas com órgão de tubos<sup>48</sup>.

**DEITAS CAPELAS DESTACA-SE A CAPELA DA MATRIZ** pela sua intensa actividade musical. A igreja Matriz da Horta, pela sua importância central na cidade, tem um papel difusor da música religiosa na ilha do Faial e vizinha ilha do Pico. A Capela da Matriz é frequentemente requisitada para cerimónias religiosas nestas duas ilhas. É escrita música propositadamente para esta capela. Esta provém do Brasil, onde músicos emigrantes criavam obras de sua autoria ou de autores conhecidos para serem feitas nas festividades das suas paróquias de origem. Na ilha do Pico também isso acontece, com especial relevo para as festividades do Senhor Bom Jesus, na freguesia de São Mateus.

**A HORTA DO SÉCULO XIX É UMA CIDADE** que se situa na periferia do Reino de Portugal, mas, ao mesmo tempo, é uma cidade que se situa no centro do Atlântico, ligando a Europa à América. Este ponto é determinante para o entendimento da vida musical desta cidade, na segunda metade do século XIX. Apesar da sua condição periférica, a cidade da Horta possui todas as características de uma cidade cosmopolita, recebendo em certa forma, para além da cultura local, uma cultura internacional.

<sup>43</sup> Ricardo Madruga da Costa, "Faial (Ilha)", *Dicionário Açoriano*, <http://ppg.uacm.gov.pt/Anexoenciclopedia.html>.

<sup>44</sup> Maria Isabel João, *Os Açores no Século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Sociais* (Lisboa: Edições Cosmos, 1991), 198.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 117.

<sup>46</sup> João Almeida, "Das Atazas da Paróquia Delrey para a história etnohistórica dos Açores: uma perspectiva atlântica", in *O Faial e o Periférico Açoriano nos Sécs. XV a XIX* (Horta: Núcleo Cultural da Horta, 1997), 21-26.

<sup>47</sup> *O Sotóglaf*, 27 de Setembro, 1894.

<sup>48</sup> *O Sotóglaf*, 30 de Novembro, 1894.

<sup>49</sup> Marcelino Lima, *Funchal Antigo e Novo para o Museu do Ilha do Faial* (Horta: Tip. Minerva Lousãna, 1928), 547-548.

<sup>50</sup> *O Sotóglaf*, 30 de Dezembro, 1892.

<sup>51</sup> Marcelino Lima, *Atas do Município da Horta (História do Ilha do Faial)*, ed. Fernando de Horta, Câmara Municipal da Horta, 2007, 470.

<sup>52</sup> O termo "organaria" não é utilizado na sua acepção actual mas sim significando um grupo instrumental heterogéneo, que actualmente poder-se-ia designar como "ensemble".

<sup>53</sup> Luís C. F. Henriques, "As Orquestras no Faial (1880-1920): A Orquestra 4 de Novembro", *Ibid.*, 10.

<sup>54</sup> Lima, *Atas do Município da Horta*, 470.

<sup>55</sup> O nome correto é João de Deus Teixeira, co-fundador e director da mesma até 1900.

<sup>56</sup> Luís C. F. Henriques, "As Orquestras no Faial (1880-1920): A Orquestra João de Deus", *Ibid.*, 10.

<sup>57</sup> *O Faialense*, 23 de Setembro, 1893.

<sup>58</sup> Carlos Leites, ed., *Práticas Sacras Sotóglaf*. In *Museu da Horta - Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta*, 1981, 10.

<sup>59</sup> *O Sotóglaf*, 25 de Outubro, 1894.

<sup>60</sup> *Ibid.*

<sup>61</sup> *Ibid.*, 3 de Dezembro, 1894.

<sup>62</sup> João A. Ribeiro, "Espiritualismo no Faial e na Periferia Açoriana no Século XIX", in *O Faial e o Periférico Açoriano nos Sécs. XV a XIX* (Horta: Núcleo Cultural da Horta, 1997), 375-380.

<sup>63</sup> *Ibid.*, 12 de Julho, 1890.

<sup>64</sup> *Faialense*, 15 de Maio, 1892.

<sup>65</sup> Luís C. F. Henriques, "Manuel de Serpa da Silva: Breve Resenha Biográfica", *Ibid.*, 14.

<sup>66</sup> *Ibid.*

<sup>67</sup> *Ibid.*

<sup>68</sup> *Ibid.*

<sup>69</sup> *Il Democrata*, 2 de Junho, 1928.

<sup>70</sup> Luís C. F. Henriques, "A Prática de Música Religiosa no Faial no Faial do Século XIX", *Ibid.*, 10.